

mau da LÍNGUA  
davi de JESUS do nascimento



museu paranaense

dezembro  
2023

# mau da língua

Brenda K. Souza

“o tamanduá a língua põe, feito quem quer comungar”

– J.G.R

Há uma conversa fiada nas margens de cá do rio de que o primeiro pecado veio da carne da língua. O órgão longo e viscoso teria sido o responsável por, depois de tentear uma espécie de fruta proibida, convergir o paraíso às avessas; dar de saber ao homem a sua natureza de bicho como quem coloca no prato muita fartura em comida para só um comer. A lambança foi tanta que, dizem, todas as águas do mundo se espalharam.

A saliva do fruto de outrora preparava em verdade uma enchente.

Desde então, tem quem viva de se enredar no alheio, catando conversa na ponta do redemoinho. Com ele, adianta-se a palavra a caminhar suas distâncias, sabendo que na língua reside a possibilidade primeira de experimentar o que o corpo ainda não sabe, afiar os dentes do porvir, esticar, criar caminho.

Em **mau da língua**, primeira exposição individual de **davi de jesus** no Museu Paranaense, somos levados ao centro dessa ventania riscada nos quintais alagados e convidados a conhecê-los pelos olhos da boca. A partir de uma seleção de desenhos, pinturas, fotografias, falas, objetos e restos engolidos e cuspidos pela correnteza, o artista despeja abundante todo fruto da coleta e inaugura ele mesmo um novo modo de derramar as águas doces do mundo.

davi se orienta pelo rio – rede bifurcada – e pela pesquisa nos acervos fotográficos de sua família. A partir desses espaços, seu trabalho torna-se resposta à exigência do mergulho, à necessidade de marcar no gesto do desenho e da colheita a sobrevivência do bando, porque “*sobreviver gera o desejo por mais de si*”.

Da profundidade do rio, davi recolhe os “*objetos de águas guardadas*”. O primeiro é um baleiro guardador de tempo-menino – o “*nutre acre*” –, recheado do tamarindo que cresce no bucho dos bichos medonhos moradores das águas fundas, no “*sorvedouro*”. A centralidade ocupada pelo objeto e pela fruta convoca o corpo ao movimento, espelhando nele a abundância azeda com a qual se farta todo aquele que se sabe morador de um entrelugar. O segundo objeto é uma “*embarcação azeda*”, uma canoa de três proas que comporta a “*sustança*” para os que se vão navegar nos sumidouros do rio, sem chance que a fome alcance; depois desta, há ainda a “*sustança quebrada*”, uma proa em viva travessia. Por último, a série “*caxumba*” fecha a seleção de objetos e faz encher a boca de saliva com o quadríptico de trouxas, tarrafas com tamarindos.

O marrom do tamarindo, do barro do fundo do rio, das águas mexidas de chuva, dá o tom também aos demais trabalhos. Nos desenhos da série “*gritos de alerta*”, davi traz sempre em bando

as criaturas sem as quais não se veleja a canto algum. A carranca, imagem híbrida meio-gente, meio-bicho, é o amuleto primeiro que protege o corpo-embarcação.

Numerosas, as carrancas de davi não se repetem, mas andam apinhadas em cachos feito marimbondo.

Além destes, dividem morada molhada neste espaço os “*aguamentos*” de “*sorvedouro*”, a presença trincada do “*retrato-enchente*” da tataravó Ana Josefa; o “*fogo selvagem*” que acomoda na imagem do corpo-artista os restos de um bicho antigo; os retratos organizados em continuidade; a fala-alerta que não nos deixa nunca esquecer que “*a língua é castigo do corpo*”, mas também é um jeito de ir.

O azedume que amalgama os trabalhos selecionados para esta exposição está sempre presente – nalguma medida – na feitoria de davi, mas o modo como essa presença se desenha desta vez nos cobra outra exigência do olhar, nos solicita um tipo diverso de coragem: a coragem de, tendo um corpo, experimentar as tantas formas que lhe cabem, saber velejar profundo, voltar outro sem gritar de susto com a nova-velha imagem que o espelho d’água vem refletir.

---

### evils of the tongue

“*o tamanduá a língua põe, feito quem quer comungar*” — J.G.R<sup>1</sup>

There is idle talk on the banks of the river here that the original sin came from the flesh of the tongue. Hence, this long and viscous organ was responsible, after taking a taste of a kind of forbidden fruit, for turning paradise upside down - for making ‘man’ aware of his nature as an animal, like someone who fills their plate with too much food for just one person to eat. The mess was so great, they say, that all the water in the world spewed out and over.

The saliva of the fruit of old led to veritable flooding.

Since then, there are those who make a living from entangling themselves in other people’s affairs, eavesdropping at the edge of the whirlpool. Hence, the word journeys forth, knowing that from the tongue come the first chances to experience that which the body does not yet know, sharpening the teeth of the future, stretching out, carving a path.

In **evils of the tongue, davi de jesus’** first solo exhibit at the Museu Paranaense, we are carried to the eye of this windstorm in flooded backyards and invited to know them through the eyes of our own mouths. Through a selection of drawings, photographs, speech, objects, and debris swallowed and spit out into the current, the artist spews out all the abundant fruit of the harvest and himself begins a new way to unleash all the fresh water of the world.

davi is guided by the river – a forked network – and by his research into the photographic archives of his family. Through these spaces, his work becomes an answer to the demands of the deep plunge, the need to mark the survival of the flock in the gesture of drawing and harvesting, because “*survival creates the desire for more of itself*”.

From the depths of the river, davi collects “*objects from the water there stored*”. The first is a *baleiro* that preserves boyhood-time – the “*nutre-acre*” –, a net filled with the tamarind that grows in the stomach of the fearsome animals living in the deep waters, in the sinkhole. The centrality occupied by the object and the fruit calls the body to movement, mirroring in it the sour



abundance that all those who know they live in an in-between place indulge in. The second object is a “*sour vessel*”, a canoe with three prows that provides “*sustenance*” for those who navigate the river’s sinkholes, where they are protected from hunger. This is followed by the “*broken sustenance*”, a prow for rapid crossing. Finally, the selection of objects closes with the “*caxumba*” series, making your mouth water, with its quadriptych of bundles, of nets holding tamarinds.

The brown of the tamarind, of the clay at the bottom of the river, of the turbid rainwater, also sets the tone for the other works. In the drawings from the “*warning cries*” series, davi always brings a herd of creatures whom you cannot sail anywhere without. The “*carranca*”, a hybrid image that is half-human, half-animal, is the main amulet that protects the body-vessel.

Numerous, davi’s “*carrancas*” are not repeated, but crowd together in clusters like wasps.

And there also, the soaking waters, the cracked presence of the flood-portrait of great-great-grandmother Ana Josefa share a wet home, the wild fire that accommodates the remains of an ancient animal in the image of the artist’s body, the portraits organized in continuity, the words of warning that never let us forget that “*the tongue is punishment for the body*”, but it is also a way of going on.

The bitterness that amalgamates the works selected for this exhibition are always present – to some extent – in davi’s workshop, but the way this presence emerges this time demands something else from our gaze, asking us for a different type of courage: the courage, as people with bodies, to experiment as much as we can with this embodiment, knowing how to sail with expertise and returning transformed, unintimidated by the images, both new and old, that the water mirror reflects back to us.

<sup>1</sup> “*The ant eater sticks its tongue out, like someone wanting to take communion*”.

## davi de jesus do nascimento

de primeiro - antes dos muros - vivíamos na casa do outro que era parente e até dos que num era. tomava café almoçava merendava jantava. a gente também malinava uma no quintal da outra catando as frutas machucadas de cascalho ou sujas de poeira que é o estado adormecido dos redemoinhos. os pescoço vieram com as paredes e percebemos o quanto altura significa segredo. rabo na cadeira e três tias de gerações diferentes conversando fiado. cada uma na sua calçada com o fiapo de manga entre os dentes adiando a hora de dormir e botando a culpa no calor. eu nasci do bucho cheio. lá não é minas. é gerais. um sol para cada pessoa e peixeira debaixo do colchão

---

at first - before the walls - we lived under the roofs of other people who were our relatives and even people who weren't. we had breakfast, lunch, snacks, dinner. we even made a big mess in the other's yard, scavenging fruits bruised with gravel or covered in dust, the dormant state of the whirlpools. long necks stretched up where there were walls and we realized how much height means secrecy. one's behind on the chair and three aunts from different generations chatting away. each one from her own sidewalk with the mango lint between their teeth postponing bedtime and blaming it on the heat. I was born with a full stomach. there it is not *minas*. it's *gerais*. that is, general, for everyone. a sun for each person and fish under the mattress



eu criança - na época de muita chuva - não dormia, com medo de acordar com o rio dentro de casa. a gente morava de frente pra ele e isso acabou acontecendo mesmo. um de nossos vizinhos achou uma sucuri no meio da enchente e inventou de pegar pra comer e ela quebrou os braços dele. eu estava nos braços de minha mãe nessa hora

---

as a child – in the rainy season – i didn't sleep, i was afraid to wake up with the river inside the house. we lived in front of it and that really did happen. one of our neighbors found a sucuri constrictor in the middle of the flood and came up with the idea of grabbing it for food and she broke its arms. i was in my mother's arms when that happened



aos nove anos mordei quinze lagartas do pé de coqueiro lá de casa e meu pai não sabe até hoje que eu comia a serragem das madeiras que ele pulverizava.

semana passada beijei a terra do quintal de minha avó seguindo o rastro brilhante dos caracóis de jardim que ela cria dentro das varizes da perna antes de catar as acerolas.

---

when I was nine years old I bit into fifteen caterpillars from a coconut tree at home and even today my father doesn't know that i ate the sawdust from the wood he grounded. last week I kissed the earth of my grandmother's backyard following the bright trail of garden snails that she raises inside the varicose veins on her legs before collecting the acerolas.



**mau da língua**, exposição individual e inédita de davi de jesus do nascimento, deságua no Museu Paranaense (MUPA) com desenhos, fotografias, vídeo, escultura e instalação, além das *águas guardadas*, *aguamentos barranqueiros* e *derranhos* que marcam a sua identidade.

O modo de vida às margens do Rio São Francisco não deixou opção que não fazer as coisas como quem faz poesia. A partir de lenhos brutos, guardados pelas águas, mas também lenhos talhados, segredos de família, a madeira vive para além da vida da árvore da qual um dia foi tronco ou foi galho. É assim também com as ossadas e os bichos que se misturam com(o) gente, com os retratos-enchente e os acervos familiares que presentificam forças e saudades. A obra toda de davi é intrinsecamente ligada às durações e efemérides do tempo e da vida, de casa e de fora, das tecnologias ancestrais e das mais industriais, das coisas feitas e das coisas resgatadas, da imensidão do Chico profundo à pequenezza dos caracóis.

Incansavelmente em movimento, água, pedra, madeira, barranco, margem, casa, corpo, os organismos, todos, vivos, são apanhados em constituições mútuas e penetráveis. Essa sugestão da obra de davi é abraçada com toda força de admiração pelo MUPA, com seus esforços de promover vidas, culturas e artes geradoras, em contraposição às violências narrativas e aos *afogamentos* das histórias populares.

O trabalho de davi compõe com uma sensibilidade ribeirinha para o belo, os sonhos e os sinais, com um conhecimento profundo sobre terra, água e ar, com vivências de um mundo norte-mineiro tradicional e complexo, com uma poética-oralidade cheia de força e singularidade. Mas também é um trabalho transcriado com as coisas do urbano, assim como é político no gesto sutil de ser.

O quanto isso interessa e compartilha com as atenções do MUPA não é miudeza. Com essa exposição, propõe-se que o público paranaense também possa se identificar nas tramas dessas criações. Que se envolva pelas redes feitas de rio, família e conversa fiada. Que não se atenha ao preto no branco, mas permita-se viver aquilo que flui em tons terrosos.

## **Museu Paranaense**

(no verso)  
*estudos de "corpo-embarcação"*, 2018  
fotografias polaroid

(cartaz)  
*fogo selvagem*, 2018  
*água guardada da série: exorcismo de dor*  
escorpião acostumado sobre fotografia instantânea

**evils of the tongue**, solo exhibit of new work by davi de jesus do nascimento, opens its floodgates at Museu Paranaense (MUPA) with drawings, photographs, video, sculptures, and installations - in addition to the stored waters, full ravines and riverbanks that mark davi's identity.

A way of life forged on the banks of the São Francisco River leaves no choice but to proceed like someone who writes poetry. From logs washed ashore by the waters, but also sculpted pieces and family secrets, wood lives far beyond the life of the tree of which it was once a trunk or branch. The same can be said for the bones and animals that mingle with people, for the flood-portraits and family collections that exude strength and longing. Davi's entire work is intrinsically linked to the durations and ephemerides of time and life, at home and afar; to ancestral and more industrial technologies, to things made and things rescued, shifting from the immensity of the depths of the Chico to the minuteness of snails.

Tirelessly moving, water, stone, wood, ravine, bank, house, body, all living organisms are caught in mutual and penetrable constitutions. This view, suggested by davi's work, is embraced with immense admiration by the MUPA, in its efforts to promote lives, cultures and generative arts, in opposition to narrative violence and the *drowning* of the people's stories.

davi's work is composed with the sensitivity of the people of the riverbanks - to beauty, to dreams and signs, as bearers of a deep knowledge of land, water and air - ; it is steeped in the experiences of the complex and traditional world of northern Minas Gerais, with a poetics /orality replete with strength and singularity. Yet it is also a work trans-created with the things of the urban world, and it is political, in the subtle gesture of being.

Just how much all this also captures the interest and attention of the MUPA should not be belittled. With davi's exhibit, we invite the public of Paraná to identify with the plots that unfold in his creations, to involve themselves in networks made of river, family, and small talk. Not sticking to what is black and white, but allowing themselves to experience that which flows on in earth tones and colors.

## **Museu Paranaense**

*(on the back pages)*

"body-boat" studies, 2018

*polaroid photographs*

*(poster)*

wildfire, 2018

stored water from the series: exorcism of pain

*'accustomed scorpion' on instant photography*

**Créditos da exposição**  
*Exhibition credits*

Concepção e projeto  
*Concept and project*  
**Museu Paranaense**

Artista  
*Artist*  
**davi de Jesus do Nascimento**

Assistente do artista  
*Artist's assistant*  
**Caio Pereira Esgario**

Texto crítico  
*Critical Text*  
**Brenda K. Souza**

Revisão  
*Proofreading*  
**Mônica Ludvich**

Tradução  
*English Version*  
**Lucas Adelman Cipolla**  
**Miriam Adelman**

Montagem  
*Exhibition Installation*  
**Raul Fuganti e equipe**

Iluminação  
*Lighting*  
**Iluminarte**

—  
**MUSEU  
PARANAENSE**

Diretora / *Director*  
**Gabriela Bettega**

Diretor Artístico  
*Artistic Director*  
**Richard Romanini**

Gestão de Conteúdo e Comunicação  
*Content Management and Communication*  
**Beatriz Castro**  
**Heloísa Nichele**

Núcleo de Arquitetura e Design  
*Architecture and Design Division*  
**Gabriela Martello**  
**Juliana Ferreira de Oliveira**

Estagiárias / *Interns*  
**Isabella Barbosa de Melo**  
**Marina Montenegro Ikuta**

Núcleo de Antropologia  
*Anthropology Division*

Coordenadora / *Coordinator*  
**Joséli Spenassatto**

Residente técnica / *Technical resident*  
**Isabela Brasil Magno**

Estagiária / *Intern*  
**Pamela Cristina Laguna**

Núcleo de Arqueologia  
*Archaeology Division*

Coordenadora / *Coordinator*  
**Claudia Inês Parellada**

Residente técnico / *Technical resident*  
**Giovanni Amaral Cosenza**

Estagiários / *Interns*  
**Jeniffer Dambroski Braz**  
**Vitor Emanuel Weissheimer de Souza**

Núcleo de História  
*History Division*

Coordenador / *Coordinator*  
**Felipe Vilas Bôas**

Residente técnica / *Technical resident*  
**Catalina Sofia Meza Reyes**

Estagiárias / *Interns*  
**Daiana Marsal Damiani**  
**Gabriella Perazza**  
**Juliana Stonoga**

Núcleo Educativo  
*Educational Division*  
**Milena Aparecida Chaves**  
**Roberta Horvath**  
**Marília Alvez Abreu**

Estagiários / *Interns*  
**Lucas Plaza da Rosa**  
**Marina Sarat Suttana**  
**Renata dos Santos Oliveira**

Gestão de Acervo  
*Collection Management*  
**Denise Haas**

Laboratório de Conservação  
*Conservation Laboratory*  
**Esmerina Costa Luis**  
**Janete dos Santos Gomes**

Segurança / *Security*  
**José Carlos dos Santos**

Supervisor de Infraestrutura  
*Infrastructure Supervisor*  
**Rogério Rosário**

—  
Governador do Estado do Paraná  
*Governor of the State of Paraná*  
**Carlos Massa Ratinho Junior**

Secretária de Estado da Cultura  
*State Secretary of Culture*  
**Luciana Casagrande Pereira**

Diretora-Geral da SEEC  
*General Director of SEEC*  
**Elietti de Souza Vilela**

Diretor de Memória e Patrimônio  
*Director of Memory and Heritage*  
**Vinício Costa Bruni**

Coordenador do Sistema  
Estadual de Museus  
*Coordinator of the Museums  
State System*  
**Marcos Coga da Silva**

Assessoria de Comunicação  
*Communication Consulting*  
**Fernanda Maldonado**

Assessoria de Design  
*Design Consulting*  
**Rita Solieri Brandt**

O Museu Paranaense agradece aos diversos profissionais e parceiros que fizeram parte deste trabalho e se dedicaram à realização da exposição “**mau da língua**”.

As equipes da Secretaria de Estado da Cultura, da qual fazemos parte, incluindo seu corpo administrativo, técnicos, estagiários e voluntários.

Por fim, o MUPA agradece aos patrocinadores sem os quais este projeto, previsto no Pronac 222082, *Mostra Comemorativa - 20 Anos da Sociedade de Amigos do Museu Paranaense*, não aconteceria.

mau da língua

davi de jesus do nascimento

dezembro 2023 – março 2024

## MUSEU PARANAENSE

Terça a domingo  
*Tuesday to Sunday*

10h —17h30

Entrada gratuita  
*Free admission*

Rua Kellers, 289  
Alto São Francisco  
Curitiba, Paraná, Brasil

+55 (41) 3304 3301  
museupr@seec.pr.gov.br  
museuparanaense.pr.gov.br  
f @ museuparanaense



Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Lei Rouanet

PATROCÍNIO

VOLVO



APOIO



REALIZAÇÃO

SAMP



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



mau da LÍNGUA  
davi de JESUS do nascimento



14.12.2023